MOLDES, Abraham. *Teoria da informação e percepção estética.* Rio de Janeiro, Edição Tempo Brasileiro, 1969. 308 p.

O autor, criador da teoria informacional, preocupado com a aplicação da cibernética nas ciências humanas, trata, na presente obra, das relações entre cultura e comunicação, apoiadas na teoria da informação, que êle próprio considera, essencialmente, como uma teoria estruturalista e que contribuirá para o estudo de filósofos e sociólogos.

Na própria introdução do livro, o autor apresenta o plano da obra assinalando as características e objetivos visados. Consta de sete capítulos, sendo o último conclusivo, e sete notas informativas.

No capítulo 1, faz um esbôço geral da teoria física da informação, partindo de inferências de trabalhos recentes, mostrando que tôda a teoria é um instrumento do pensamento. Utiliza exemplos da mensagem sonora e das artes visuais (desenho, fotografia, pintura e cinema).

Desenvolve, no capítulo 2, o conceito de *forma,* que considera o elemento de estruturação de mensagens, principalmente a periodicidade, a previsibilidade e sua fenomenologia.

Já no capítulo 3, passa a examinar as perturbações ocasionais na mensagem, principalmente o fenômeno do *ruído,* mostrando que a generalização dessa noção limita a apreensão do mundo exterior pelos chamados *princípios da incerteza,* criando concomitantemente o *fundo* que dá destaque às formas. Estuda as funções agrupadas sob a designação de memória e a constituição das estruturas intermediárias. A seguir, aplica as conclusões do estudo da mensagem sonora, a musical em especial. Analisa a estrutura elementar da matéria sonora, o repertório de símbolos, seguida das microestruturas, que são "objetos sonoros", partindo da afirmativa de que a mensagem fonética nada mais é que a mensagem sonora em forma mais simples e inteligível.

Ao tratar da informação semântica e da sonora, capítulo 5, estabelece uma distinção fundamental entre ambas, conforme o princípio geral de metodologia científica declarado por Descartes, que afirma dever-se começar, em ciência, pelo mais fácil. Alarga, portanto, a teoria, respondendo, sob o ponto de vista filosófico, a objeções que surgem.

A distinção estabelecida é, então, aplicada nas informações estéticas, principalmente no campo musical, na tentativa de deduzir leis de estruturação das mensagens, relacionadas com o aspecto da percepção de tempo, originalidade e inteligibilidade.

Extrai o autor do exame da teoria que ampliou, ensinamentos em relação às mensagens múltiplas, por vários canais, portanto, e por várias dimensões da percepção, tendo em vista atingir o indivíduo. Além disso, chegar até os mecanismos de apreensão da mensagem pelo indivíduo para conhecer a maneira pela qual se processa a intervenção no ato comportamental.

No capítulo conclusivo, o 7, apresenta o valor filosófico da teoria da informação. Nêle recoloca a percepção estética no ambiente histórico que lhe deu lugar; embora o uso de canais artificiais de comunicação (caracterizando o homem moderno) já seja do domínio público há algum tempo, a *tomada de consciência* de sua materialidade é bem recente e a conclusão atingida por êle é o fato de que a informação é uma *quantidade mensurável* que caracteriza o processo de comunicação. Com isso, fornece um campo ilimitado à pesquisa, como as grandes teorias que a precederam.

Transcrevendo a conclusão do autor: "Sob tal ângulo, parece dever impor definitivamente seu ponto de vista fazendo passar a imagem do universo pela percepção do indivíduo com suas incertezas, que recoloca de maneira concreta o homem no mundo material. O homem aí é a própria condição de conhecimento dêste mundo, em lugar de se eliminar assintòticamente, conforme tendia ao fazer crer a ciência do século XIX, que via numa imensa termodinâmica, concebida por um ser onisciente, a descrição última do Universo".

LEONILDA D'ANNIBALLE BRAGA